

12/1/1986

Estiagem já provocou dois suicídios

Porto Alegre — Roubos a armazéns, rezas apelando por chuva, concentrações de bóias-frias em busca de trabalho nas prefeituras, dois suicídios — os agricultores Otmar Petermann e Ciro Osmar Richard — depois de quase quatro meses de seca no estado, os agricultores chegam aos limites toleráveis de resistência física e emocional. Alguns tentam salvar o que restou do milho e da soja, mas as perspectivas são desalentadoras.

Dezenas de cidades estão com racionamento de água, outras dependem do empréstimo de água de municípios vizinhos. As pastagens estão secas e alguns produtores estão sendo obrigados a transportar o gado para áreas mais baixas aos rios, para garantirem a sobrevivência dos animais. Comunidades estão fazendo mutirões para abertura de poços coletivos — alguns com até 160m de profundidade — em busca da tão desejada — e necessária — água.

Esperança

— Perdi todo o milho, a soja vai dar muito pouco (menos de 50% da produção estimada), mas o importante é que estou com saúde — diz, resignado, o agricultor Ivonir Romicci, 31 anos, casado, pai de um recém-nascido, que vive no interior do município de Palmitinho (no Alto Uruguai), uma das áreas mais atingidas pela estiagem. Como outros produtores, ali perto, ele acha que a solução "é plantar, replantar e replantar, porque o pior de tudo é não ter produção".

É desoladora a situação da região, onde há quase quatro meses praticamente não chove. No lado oposto do Rio Uruguai, na fronteira com a Argentina, enormes rolos de fumaça saem da floresta densa da província de Entrerios. No lado brasileiro, as roças de milho e soja em muitos casos estão arrasadas pelo sol.

As chuvas do fim do ano e desta última semana não chegaram a aliviar a aflição dos colonos (grande parte descendente de imigrantes alemães, poloneses, russos e italianos). Em Vista Alegre, distrito de Palmitinho (451 quilômetro da capital), duas vezes por semana, depois da novela Roque Santeiro, que também lá é a sensação, as mulheres se reúnem para rezar pedindo chuva. "Cada vez a gente se reúne na casa de uma vizinha para pedir a Deus que acabe com essa agonia", comenta Dona Evelise Pigatto, moradora do local.

Sem serviço na roça, na expectativa de uma chuva grossa que poderia ainda salvar parte da safra de soja — o milho já foi mesmo perdido — aos homens só resta perambular pelas plantações destruídas ou reunir-se para longas e intermináveis conversas nos botequins dos povoados e cidadezinhas. O tema é um só: as perdas da lavoura, o gado que mingua, a falta de água nas propriedades e a incerteza da sobrevivência doméstica até a próxima safra.

Renir Cancian, 31 anos, já replantou a soja duas vezes e perdeu tudo. O mesmo ocorreu com seu pai, Seu Artêmio, que plantou 7,5 hectares de soja duas vezes com o outro filho, Renilton. O milho secou, as espigas mirradas só servem mesmo para alimentar o gado leiteiro, que também sofre as consequências do ressecamento das pastagens.

A soja, a esta altura da safra, em condições ideais, já deveria estar com folhas vistosas e com pés de até 40 cm de altura. Porém, está fraca, com pouco mais de 15 cm. As plantações apresentam muitas falhas dos pés que morreram ou sementes que nem chegaram a germinar.

— Tínhamos certeza de que seria uma boa colheita, mas acabamos frente a frente com um desastre — lamenta Renir Cancian. A única esperança, agora, é limpar a roça e preparar para o plantio do feijão-do-tarde e tentar minimizar as perdas.

Pior seca

Nenhum morador do Alto Uruguai lembra de uma seca tão avassaladora como a que se abateu no Estado neste verão. O Rio Uruguai está cinco metros abaixo do seu nível normal, muitos rios e arroios simplesmente desapareceram, provocando a mortandade de peixes. Os açudes ou já secaram ou tem água suficiente apenas para mais 20 dias de abastecimento das famílias e do gado.

Em algumas cidades, como Palmitinho, Guarany das Missões e Campina das Missões, o abastecimento de água potável é feito por carros-pipas que transportam a água de outros municípios próximos. Em toda a região Norte, Noroeste e Oeste do Rio Grande do Sul, a situação é crítica e muitos municípios já tiveram estado de calamidade pública decretada pelas Prefeituras.

O presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tenentes Portella, Lauro Antônio Brum, diz que esta é a "pior seca da história do Rio Grande, estamos sem saber como agir, principalmente com o desemprego". Diariamente, dezenas de bóias-frias, desempregados, reúnem-se no Sindicato ou diante da Prefeitura na expectativa de criação de frentes de trabalho.

O médico Odalcy José Pulstai, de Campina das Missões, alertou que muitas famílias "em desespero já estão até roubando para comer".

— Não me admiro que, se persistir a situação, comecem a saquear armazéns e supermercados — alerta o médico. Segundo ele, os minifundiários do município "perderam tudo, mas tudo mesmo, e, como é uma população muito pobre, o clima é de grande tensão".

Também em Porto Lucena e Porto Xavier, municípios vizinhos, já foram registrados casos de roubo a armazéns por bóias-frias famintos. "Estão roubando também os vizinhos que estão em melhor situação, levando porcos e galinhas", diz o médico.

Medo de perder

Endividados com o Banco do Brasil, o grande temor dos agricultores é que a terra dada como garantia para os financiamentos de custeio acabe sendo confiscada. Foi por isso que se suicidaram Otmar Petermann, em Tucunduva, e Ciro Osmar Richard, em Alegrete.

Os colonos temem que o juro aberto deixado pelo governo federal se transforme numa "faca de dois gumes", como diz Altemir Busnello, de Tenente Portella. Para ele, a não cobrança das dívidas agora pode significar o "decreto de morte mais tarde". Apesar de conhecerem as medidas acauteladoras tomadas pelo Governo até agora — suspensão temporária da cobrança de financiamentos de custeio, prorrogação do Proagro etc. — acham que "as perspectivas para o pequeno produtor são as piores possíveis".

Em Miraguaí, por orientação do sindicato rural, o impasse econômico da seca determinou que os agricultores constituíssem uma espécie de assembléia geral permanente. Pretendem resistir a qualquer decisão governamental que ponha em risco a posse da terra ou a sua estabilidade financeira doméstica.

— Podemos perder tudo, podemos replantar, já enfrentamos enchentes, secas, mas não queremos que nos tirem a única coisa que possuímos: a terra — afirma Angelo Bruno. Lembra que o estado enfrenta um grave problema social resultante da falta de terras: "É preciso que o

Governo de condições pra que possamos continuar a plantar, porque e só o que sabemos fazer".

(Página 22 — Nacional)